

Versão português do artigo em inglês, <https://www.agroecology-europe.org/wp-content/uploads/2021/10/Month-of-Agroecology-Article-on-Social-Values-Les-Levidow-.pdf>

Agroecologia tem benefícios sociais que dependem em relações solidárias

Les Levidow, Open University, UK

Davis Gruber Sansolo and Monica Schiavinatto, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo

As agendas agroecológicas europeias têm enfatizado muitos benefícios sociais (por exemplo, meios de subsistência rurais, preços justos, igualdade socioeconômica, conservação da biodiversidade e qualidade nutricional), cujo cumprimento depende de circuitos curtos de abastecimento. Assim, os produtores evitam os intermediários, retêm mais do valor que eles agregam e constroem relacionamentos mais próximos com os consumidores. Essas cadeias curtas são chamadas de redes agroalimentares alternativas, mercados próximos ou tribunais de circuitos na França (Chiffolleau, 2012; Karner, 2010; Kneafsey, 2013; Lamine & Chiffolleau, 2016).

Sob uma perspectiva global, a agenda agroecológica deve “Garantir proximidade e confiança entre produtores e consumidores por meio da promoção de redes de distribuição justas e curtas e reinserindo os sistemas alimentares nas economias locais”, sobretudo, por meio da economia solidária (HLPE, 2019: 41; FAO, 2018; IPES-Food, 2021: 4). No contexto europeu, “a agroecologia adotou a abordagem da economia social e solidária na agricultura, mas ainda está em sua infância e precisará de visão política e engajamento dos consumidores”, de acordo com Agroecology Europe (AEEU, 2020).

Pergunta: Para construir uma economia solidária de base agroecológica na Europa, o que se pode aprender com o Brasil?

Na América Latina, tem havido sobreposições crescentes entre movimentos sociais que buscam melhores meios de vida além da economia capitalista. O movimento pela economia social e solidária - também conhecido como economia solidaria, ESS ou EcoSol - vem construindo relações de cooperação dentro e entre empreendimentos. Cada iniciativa promove capacidades coletivas para o desenvolvimento de circuitos curtos autogestionados. As redes latino-americanas ajudaram a estimular o desenvolvimento de uma rede global (RIPESS, 2015). Enquanto isso, o movimento agroecológico construiu capacidades para conservar recursos naturais e manter a biodiversidade, especialmente por meio da troca de conhecimento entre produtores e com agro-extensionistas, um processo geralmente conhecido como diálogo de saberes.

Aqui EcoSol-agroecologia denota uma convergência estratégica entre esses movimentos. No Brasil, esse esforço foi promovido em conjunto pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Desenvolveram capacidades coletivas de convergência e exigiram medidas de apoio aos mesmos, tanto a nível nacional como local.

Essas propostas foram acolhidas pelos governos de 2003-2016 liderados pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Após uma década, seu Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO) 2013 reuniu diversas políticas relevantes, incluindo a economia solidária. Reciprocamente, o Conselho Nacional de Economia Solidária (CNES) enfatizou uma base solidária para a formação técnica em agroecologia. Por

meio dessas estruturas nacionais, os movimentos sociais expandiram mais prontamente as capacidades coletivas, as redes de apoio e os processos de troca de conhecimento (Schmitt, 2020).

Baixada Santista: capacidades coletivas para circuitos curtos

Questão: Como os movimentos EcoSol-agroecológicos construíram capacidades coletivas de circuitos curtos?

Vamos nos voltar para uma região específica. A Baixada Santista é uma região metropolitana localizada no litoral do estado de São Paulo. Destaca-se Santos, uma importante cidade portuária ligada aos mercados internacionais. Oito cidades costeiras têm produção artesanal de pequena escala, incluindo agricultura; alguns têm uma agricultura periurbana significativa.

Na última década, as redes EcoSol-agroecológicas têm buscado construir capacidades coletivas, inicialmente para que os pequenos produtores agroecológicos ganhem e gerenciem o marketing social. Esses esforços enfatizaram o acesso aos mercados agroecológicos, isto é, a construção de circuitos curtos, por meio de contratos públicos e mercados de agricultores. Entre 2011-18, os programas de treinamento foram financiados nacionalmente e apoiados localmente pelos municípios. Apoiando essa agenda, gestores de políticas públicas formaram uma rede regional para coordenar e aprimorar estratégias.

O Fórum de Economia Solidária da Baixada Santista (FESBS) resulta da política nacional de economia solidária. Além dos programas federais, a FESBS deu continuidade aos esforços de treinamento, muitas vezes apoiadas pelo poder público dos municípios da Baixada, durante o período entre 2016-18.

Em relação a agroecologia alguns temas foram destacados no âmbito do FESBS como por exemplo a promoção do conhecimento sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs, plantas não convencionais), que valorizam a agrobiodiversidade e sua diversidade sociocultural relacionada. Eles fornecem meios para a produção de medicamentos fitoterápicos e / ou alimentos tradicionais. Diversos produtos processados levemente e comercializados no âmbito da economia solidária da Baixada Santista são elaborados com o cuidado adequado, de tal forma que segundo os consumidores, “os produtos lembram os sabores e aromas preferidos da infância”; os alimentos levemente processados têm uma vida útil mais longa, geram uma renda maior e evitam o desperdício. Todos estes aspectos têm ajudado os agricultores a construir relações mais estreitas com os consumidores.

Além da produção agroecológica outros temas foram promovidos pelo FESBS como por exemplo o turismo de base comunitária, também baseado em cooperativas, vinculando a produção agroecológica a outras atividades artesanais, por ex. roupas, joias, serviços, etc.

As cooperativas e redes de mulheres têm desempenhado um papel central. Dentro da FESBS, o coletivo feminista EcoSol Mulher realiza eventos regulares para a promoção do fortalecimento da autonomia das mulheres.

Pergunta: Como esses esforços tornaram a "economia solidária" mais eficaz e acessível ao público?

Os coordenadores da FESBS conceituaram economia solidária como uma "economia de proximidade" em múltiplos sentidos (Silva et al., 2018: 214-16). Em particular:

- **Objetivos imediatos:** autogestão democrática, ajuda mútua, inclusão socioeconômica, respeito ao meio ambiente, etc.
- **A proximidade organizacional** reúne os produtores para que eles possam mutualizar seus recursos dentro e entre esses grupos. Isso é necessário para estabelecer relações de confiança, reciprocidade e solidariedade entre os produtores.
- **A proximidade cultural** inclui características culturais comuns, sabedoria dos anciãos, rituais religiosos, festivais e conhecimento agrícola tradicional. Os métodos participativos podem ajudar a vincular este último ao conhecimento técnico, gerando formas que melhor se conectam com os consumidores.
- **A proximidade geográfica** pode ser usada para estabelecer coesão social, relações de solidariedade e relações equitativas que proporcionem ganhos financeiros e de aprendizagem para todos os membros da cadeia produtiva.
- **Proximidade institucional** inclui interações com profissionais de autoridades públicas que podem fornecer medidas de apoio para atividades EcoSol. Esse apoio pode ser facilitado por esses profissionais integrando sua experiência por meio de um fórum local EcoSol.

A pesquisa-ação participativa pode ajudar a estender essa proximidade (ibid.: 214). Suas sinergias podem viabilizar uma economia solidária.

Propósitos próximos (ou comuns) podem ativar e ligar as várias proximidades. Além disso, esse esforço desenvolve capacidades coletivas para tais proximidades (Silva et al., 2020), conforme explicado a seguir.

Redes EcoSol-agroecologia enfrentam a pandemia

Pergunta: Nesta região brasileira, como as redes de solidariedade lidaram com as interrupções da pandemia Covid-19?

Depois que a pandemia Covid-19 se intensificou em março de 2020, as autoridades estaduais do Brasil fecharam escolas para limitar as infecções. Algumas autoridades locais usaram os fundos para distribuir alimentos a pessoas vulneráveis, respondendo à pressão da sociedade civil. Quando os governos estaduais do Brasil impuseram medidas protetoras de higiene e distanciamento social, cargas mais pesadas recaíram sobre as pessoas de baixa renda e os pequenos produtores.

Os novos requisitos colocaram dificuldades especiais para as feiras de produtores ao ar livre, geralmente chamadas de Feiras do Agricultor ou Produtor. As novas medidas de higiene incluíam: desinfetar as barracas de alimentos, mantendo uma distância mínima entre elas, e evitar a infecção por meio do manuseio, embalagem, sacola plástica ou meio de pagamento do produto. Algumas feiras adotaram esforços especiais para as medidas de higiene, mas outras não conseguiram cumprir e tiveram que suspender as operações.

As redes locais de solidariedade atuaram para ajudar as Feiras a cumprir, a estimular a venda direta por outros meios e a facilitar as trocas de produtos excedentes. Eles também promoveram doações para indivíduos vulneráveis. Como a FESBS enfatizou, as doações não são caridade: "Nas relações de presentes, o objetivo é estabelecer um vínculo social."

A FESBS organizou mesas-redondas regulares online para discutir novas estratégias. Os palestrantes incluíam iniciativas de marketing coletivo, redes EcoSol, pesquisadores acadêmicos e oficiais de políticas públicas que apoiaram esses esforços.

Iniciativas de marketing coletivo

Pergunta: Como as relações próximas são ilustradas por iniciativas na Baixada Santista?

Alguns padrões gerais podem ser ilustrados por iniciativas de marketing coletivo de pequenos produtores em uma transição agroecológica. Alguns produtores formaram ou aderiram à Organização de Controle Social (OCS); isso aprimora continuamente os métodos agroecológicos e fornece coletivamente a certificação orgânica, que pode obter preços mais elevados nos programas de compras públicas. Vejamos brevemente uma iniciativa em cada quatro cidades. As citações aqui vêm de suas páginas no Facebook e de nossas entrevistas de pesquisa em 2021.

Na maior cidade da Baixada, Santos, uma nova rede de solidariedade foi estabelecida a cerca de um ano antes da pandemia. Chamados de Rede Livres Consumidores Conscientes, eles “unem produtores e consumidores conscienciosos” localmente. O termo Livres (gratuito) tem um significado duplo: produtos livres de pesticidas e distribuição livre de intermediários com fins lucrativos. Eles destacaram a conservação de recursos, a solidariedade e os meios de subsistência socialmente justos decorrentes dos métodos de produção agroecológicos: “Promovemos o acesso popular aos produtos de bem”.

o Rede Livres Consumidores Conscientes



Esses objetivos foram perseguidos por meio de uma CSA (Agricultura Apoiada pela Comunidade), criando assim uma proximidade cultural entre produtores e consumidores. Durante a pandemia, a demanda aumentou, mas muitos assinantes não conseguiram chegar ao seu ponto de distribuição. Assim, o Livres organizou pontos de coleta menores ou entregas em domicílio para produtos agroecológicos que, de outra forma, não teriam escoamento. As entregas em domicílio foram viabilizadas por uma cooperativa de eco-ciclistas, em alternativa aos entregadores de aplicativo.

Em Peruíbe, as redes EcoSol-agroecologia foram estimuladas por diversos coletivos. Destacamos aqui a União Mulheres Produtoras de EcoSol (UMPES), a União EcoSol de Mulheres Produtoras e o Coletivo Morro das Panelas. Um propósito comum tem sido a ajuda mútua como base para dignidade, maior renda e vínculos afetivos. A UMPES cogeriu a Feira do Agricultor semanal com o município e promoveu a participação feminina em cursos de aperfeiçoamento profissional. Algumas cooperativas de mulheres obtiveram certificação agroecológica por meio de uma OCS, obtendo assim um preço mais alto. Esses arranjos exemplificam uma maior proximidade organizacional entre esses coletivos como a UMPES UMPES.

Durante a pandemia, a Feira do Agricultor não conseguiu continuar a funcionar na sua forma anterior, principalmente por dois motivos: os riscos do vírus dissuadiam os seus habituais clientes e as instalações não podiam ser facilmente adaptadas às necessidades de higiene. Para minimizar o contato humano, as cestas de alimentos podiam ser retiradas em um *drive-thru* ou em pontos de coleta alternativos ou então entregues nas casas das pessoas. A UMPES também estabeleceu uma feira virtual online semanal. As mulheres produtoras faziam um pool de seus produtos, montavam cestas básicas no site da Feira, pegavam os pedidos online e depois distribuíam a renda de acordo com critérios que haviam acordado democraticamente (Silva et al, 2020). Além disso, ao trocar seus produtos excedentes, os membros do UMPES poderiam oferecer maior variedade aos consumidores e aumentar sua renda. Esta nova prática teve um papel solidário: "Valorizamos as trocas de produtos, vistas como uma prática necessária para criar relacionamentos mais justos" (Capozzi et al, 2020).

Itanhaém é cidade da sede da Associação dos Produtores Rurais da Microbacia Hidrográfica de do Rio Branco (AMIBRA). O município oferece cursos de capacitação em EcoSol-agroecologia há muitos anos, muitas vezes em parceria com a FESBS. O treinamento fortaleceu a capacidade de autogestão coletiva e a visão estratégica. Ilustrando a proximidade organizacional, os eventos de treinamento da FESBS ajudaram a aumentar a participação e liderança das mulheres. Dentre os diversos seminários de Itanhaém, um foi intitulado 'Ecosol Mulher: a emancipação da mulher através da economia solidária'.

No que se refere à proximidade institucional: junto com o município, por muitos anos a AMIBRA coadministrou a Feira do Agrícola, com barracas coletivas. Durante a pandemia de 2020, o município ajudou a Feira do Agricultor a encontrar um local maior, com menos bancas, de forma a manter a distância necessária entre produtores e consumidores. Montou uma banca coletiva para reunir produtos de diversos produtores. Ele também instalou um *drive-thru* para que os consumidores se sintam mais protegidos do vírus. Suas mensagens enfatizavam a qualidade dos alimentos para a saúde: "Você é o que você come, então você deve comer alimentos saudáveis."

Por mais de uma década, o município administrou um Banco de Alimentos, comprando produtos para alimentação escolar e pessoas vulneráveis, por ex. dos produtores da AMIBRA. Quando Itanhaém suspendeu o programa de alimentação escolar durante a pandemia, a AMIBRA buscou outros contratos para fornecimento de seus produtos e passaram a comercializar em dois municípios que davam continuidade ao programa de alimentação escolar: Mongaguá e Guarujá.

Com sede em Bertioga, o Coletivo Banana Verde teve sua origem durante a pandemia, quando o fechamento das tradicionais Feiras levou vinte produtores a iniciar a comercialização coletiva. Em vez de uma cooperativa, o Coletivo combina produtores e associações com suas próprias identidades separadas. No que diz respeito à proximidade organizacional, "Somos um coletivo de agricultores familiares e pequenos produtores de alimentos e bebidas artesanais, empenhados em criar uma rede de produtores e consumidores, para a construção de uma nova economia" (página no Facebook). Um propósito comum tem sido a ajuda mútua: 'O dinheiro é uma arma política para apoiar uma nova economia'. As mulheres membros "têm uma presença fundamentalmente rica".

O marketing coletivo é feito por meio de pedidos online pré-pagos. Com esse arranjo, os produtores perdem menos alimentos para o lixo do que nas Feiras. O Coletivo procura educar os consumidores sobre as alternativas agroalimentares. "Os consumidores devem entender que são uma parte ativa fundamental da manutenção de um espaço" para métodos agroecológicos. A divulgação enfatiza métodos

agroecológicos para produtos sazonais: “Os produtos são entregues semanalmente de acordo com a disponibilidade dos ingredientes e os ritmos da Natureza!” (Banana Verde no Facebook).

Conclusão: propósitos comuns ativando a proximidade do EcoSol

Pergunta: Como as relações próximas emergem dos esforços coletivos das redes EcoSol-agroecologia?

Em cada caso acima, propósitos próximos ativam e ligam outras proximidades. Se os quatro casos forem combinados, juntos eles ilustram as seguintes formas:

- Propósitos de proximidade: procuram aprofundar uma ajuda mútua recíproca e uma autogestão democrática. Eles desenvolveram conhecimento coletivo para métodos de produção agroecológicos, baseados em recursos agro-biodiversos. Isso fornece uma base para obter o apoio do consumidor e aumentar a renda dos produtores. A liderança feminina (protagonismo feminino) visa fortalecer suas capacidades, destacar sua contribuição econômica e superar as desigualdades de gênero (por exemplo, AMIBRA, UMPES e Coletivo Banana Verde). Esses propósitos comuns ativaram e vincularam outros tipos de proximidade, como segue:

- Proximidade organizacional: os programas de treinamento ajudaram os produtores a construir capacidades coletivas, por ex. estabelecer uma Organização de Controle Social (OCS) para métodos agroecológicos e eventual certificação orgânica (Ex: AMIBRA e UMPES). Ao se adaptar à pandemia, em alternativa as feiras, planejou-se adaptações como instalações de *drive-thru* para entrega de alimentos ao consumidor. As iniciativas de marketing coletivo têm ligado os pedidos online com novos sistemas de entrega (por exemplo, os eco-ciclistas da Livres e o Coletivo Banana Verde).

- Proximidade cultural: diversas tradições agroalimentares foram revividas para reconectar os produtores aos consumidores. Alimentos sazonais são promovidos como mais ambientalmente sustentáveis, com educação do consumidor sobre métodos de cozimento (por exemplo, Livres, Coletivo Banana Verde, UMPES). Alguns produtos são levemente processados, aumentando a longevidade e o apelo estético, em contraste com os alimentos ultra processados . O conhecimento agrícola tradicional foi integrado ao conhecimento técnico científico por meio do diálogo de saberes

- Proximidade institucional: Tendo solicitado diversas medidas de apoio ao poder público, algumas iniciativas ganharam vendas de contratos públicos, facilidades para Feiras, drive-thru, transporte, montagem de cabazes alimentares, etc. Este apoio foi facilitado pela FESBS reunindo profissionais do EcoSol, integrando suas experiências e divulgando adaptações criativas durante a pandemia.

Como um projeto político, esta rede promove o EcoSol como uma alternativa socialmente justa ao sistema dominante. Ao reunir todas essas iniciativas, a rede solidária os ajuda a exigir medidas de apoio, embora o governo federal as reduza fortemente.

Pergunta: Quais são as implicações mais amplas para curtos-circuitos?

Apesar da crise da Covid-19, a rede EcoSol da Baixada Santista manteve ou mesmo ampliou os curtos-circuitos, elevou seu perfil público como alternativa e (pelo menos) manteve a renda de muitos pequenos produtores agroecológicos. Eles fizeram isso estendendo as capacidades coletivas para ativar e conectar várias proximidades do EcoSol. A rede vem fortalecendo laços solidários entre diversas atividades artesanais

além dos produtos agroalimentares. Esse escopo amplia as agendas globais para dimensionar a agroecologia por meio de uma economia solidária.

Agradecimentos

Este artigo vem do nosso projeto: 'Parceria de Pesquisa para uma Economia Solidária baseada em Agroecologia na Bolívia e no Brasil', financiado pelo Arts & Humanities Research Council do Reino Unido (AHRC), Global Challenges Research Fund (GCRF), projeto no. AH / T004274 / 1, <https://projetoagroecos.wixsite.com/meusite>

A abreviatura AgroEcos indica que as iniciativas têm ecos, sendo reproduzidas no espaço e no tempo. Para todas as três áreas de estudo de caso, consulte AgroEcos (2020) [Boletim no.1](#) e AgroEcos (2021) [Boletim no.2](#).

Apesar da crise da Covid-19, a rede EcoSol da Baixada Santista manteve ou mesmo ampliou os curtos-circuitos, elevou seu perfil público como alternativa e (pelo menos) manteve a renda de muitos pequenos produtores agroecológicos. Eles fizeram isso estendendo as capacidades coletivas para ativar e conectar várias proximidades do EcoSol. A rede vem fortalecendo laços solidários entre diversas atividades artesanais além dos produtos agroalimentares. Esse escopo amplia as agendas globais para dimensionar a agroecologia por meio de uma economia solidária.

Referências Bibliográficas

AEEU. 2020. Agroecology Initiatives in European Countries: Key Findings & Recommendations, Corbais, Belgium: Agroecology Europe (AEEU).

AgroEcos. 2020. [Boletim no.1](#) (trilingue).

AgroEcos. 2021. [Boletim no.2](#) (trilingue).

Capozzi, A., Coutinho, S. e Gastaldo, V. 2020. Em tempo de pandemia, Peruíbe cria Rede de Economia Solidária, Folha Santista, 6 de maio.

Chiffolleau, Y. 2012. Circuits courts alimentaires, dynamiques relationnelles et lutte contre l'exclusion en agriculture, *Économie Rurale* 332: 88-101, <https://journals.openedition.org/economierurale/3694>

FAO. 2018. Scaling up agroecology initiative: transforming food and agricultural systems in support of the SDGs. Rome: FAO.

HLPE. 2019. Agroecological and Other Innovative Approaches for Sustainable Agriculture and Food Systems that enhance food security and nutrition. Rome: FAO, High-Level Panel of Experts (HLPE).

IPES-FOOD. 2021. A Unifying Framework for Food Systems Transformation.

Karner, S. (ed) 2010. Local Food Systems in Europe. Case studies from five countries and what they imply for policy and practice, <https://zenodo.org/record/1184115#.YV4oWOfTXIU>

Kneafsey, M. et al. 2013. Short Food Supply Chains and Local Food Systems in the EU: A State of Play of their Socio-Economic Characteristics. EUR 25911. Luxembourg: Publications Office of the European Union, JRC80420, <https://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/handle/JRC80420>

Lamine, C. & Chiffolleau, Y. 2016. Reconnecter agriculture et alimentation dans les territoires: dynamiques et défis, *Pour* 232: 225-232, <https://www.cairn.info/revue-pour-2016-4.htmr>

RIPESS. 2015. Global Vision for a Social Solidarity Economy: Convergences and Differences in Concepts, Definitions and Frameworks,

http://www.ripest.org/wp-content/uploads/2017/08/RIPESS_Vision-Global_EN.pdf

Schmitt, C.J. 2020. Redes de agroecologia para o desenvolvimento dos territórios: aprendizados do Programa Ecoforte. Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).

Silva, NRJ et al. 2020. [Ativar proximidades para construir a economia solidária, Folha Santista](#), 29 de julho.

Silva NRJ da, Pinto A.G., Lopez EFM, Mikolasek, O. 2018. Quadro teórico de apoio à atuação de extensionistas para o fortalecimento da economia solidária, Economia social e pública [recurso eletrônico], pp.186-221, Organizador Lucca Simeoni Pavan. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, <http://agritrop.cirad.fr/588907/>, <https://doi.org/10.22533/at.ed.277180409>